

Artigo

André Cananéa  
andrecananea2@gmail.com

Os monstros de Guillermo del Toro

O caso de amor entre a Netflix e Guillermo del Toro não começou agora, com a chegada de *Frankenstein* (2025). A plataforma tem acolhido o cineasta mexicano como uma mãe zelosa, e o resultado dessa parceria é um conjunto de títulos impressionantes: de *Pinóquio* por Guillermo del Toro (2022) à recém-lançada adaptação da obra máxima de Mary Shelley, passando pelo sensacional *O Gabinete de Curiosidades* de Guillermo del Toro (também de 2022), uma antologia de histórias curtas que reflete com precisão a estética fantasiosa que se tornou marca registrada do diretor. Além de *Frankenstein*, o catálogo da Netflix recebeu duas pérolas para os fãs do cineasta: um “*making of*” sobre a produção do novo rebento do diretor de *O Labirinto do Fauno* (2006) e *A Espinha do Diabo* (2001), intitulado *Frankenstein – Aula de Anatomia* (2005), e o documentário *Sangre del Toro* (2005), sobre como foi forjada a estética do artista.

Exibido este ano na Mostra Internacional de Veneza, *Sangre del Toro* parte da exposição *Em Casa com Meus Monstros*, realizada em 2019 na cidade natal de Del Toro, Guadalajara, no México. A mostra reúne parte do vasto acervo do diretor — peças de arte, objetos de cena usados em seus filmes, relíquias (como aquarelas originais do *Pinóquio* da Disney, de 1940) e uma infinidade de obras grotescas que ele adora colecionar.

No documentário, Del Toro explica como filmes, referências locais (como o tradicional Dia dos Mortos, um cemitério repleto de lendas e uma igreja que lhe nutriu da estética gótica) e o catolicismo (hoje ele se considera um católico não praticante) moldaram sua persona artística. “Há muitas ideias vampíricas no catolicismo”, diz ele, citando a comunhão — beber o sangue e comer a carne — como exemplo simbólico dessa imagética. “Para mim, não há monstros fora de nós. Eu sempre mergulho fundo nos meus filmes porque acho que essas coisas existem dentro de nós”, afirma o diretor. Em outro momento, ele revela que sempre foi obcecado por criaturas fantásticas:



Guillermo Del Toro em cena do documentário “Sangre del Toro”, disponível na Netflix

“Desde criança, eu queria ser um criador de monstros, fazer efeitos com maquiagem, criar monstros”. O documentário também explora sua paixão pelos quadrinhos — ele dirigiu *Hellboy* e *Blade, o Caçador de Vampiros* — e, sobretudo, pelos mangás de horror. Há até um depoimento exclusivo de Junji Ito, mestre do gênero. Isso, além do fascínio que tem pela cultura oriental, levou Del Toro, por exemplo, a fazer *Círculo de Fogo* (2013). Ele também comenta sua admiração pelas obras do mexicano José Clemente Orozco e do francês Jean-Honoré Fragonard, este famoso por suas múmias criadas com a técnica “*écorchés*”. *Sangre del Toro* é um passeio fascinante pela mente de um dos cineastas mais criativos da atualidade, e recomendo assisti-lo antes mesmo de *Frankenstein*. E por quê? Porque, assim como *A Forma da Água* — que rendeu a Del Toro quatro Oscars, incluindo melhor filme e melhor diretor — seu novo longa é rico em sutilezas e requintes que podem passar despercebidos a espectadores desavisados, que por desconhecimento acabam

perdendo parte da experiência estética mais soberba que as obras do diretor mexicano oferecem. Guillermo del Toro jamais daria um tratamento simplório ao seu livro preferido. Embora tome liberdades (acertadas) em relação à obra de Mary Shelley, ele permanece fiel à história, bailando entre ideias de paternidade — inclusive a paternidade abusiva —, amor e, claro, a eterna pergunta: afinal, quem é o monstro? O gênio que brinca de Deus ou a criatura formada por partes de cadáveres recém-retirados do necrotério? Ao longo das décadas — e até mesmo antes do célebre *Frankenstein* de 1931, que eternizou o rosto de Boris Karloff graças à criação de Jack Pierce —, a criatura do doutor Frankenstein foi tratada como o verdadeiro monstro da narrativa (embora às vezes dividisse a vilania com seu criador). Mas, como Guillermo afirma em *Sangre del Toro*, seu cinema propõe perguntas, não respostas. Seguindo essa trilha, ele nos entrega mais um filmeço, adornado com um design de produção digno do Oscar. Estou na torcida!

Ana Adelaide Peixoto  
adelaideana@uol.com.br | Colaboradora

De feiras literárias & outros assuntos

Para Lenita Faissal e  
Rejane Nóbrega, amigas,  
aniversariantes do mês.

Lá se foi o tempo que a gente não tinha nenhum evento na área de literatura pela nossa cidade. A literatura vem há algum tempo explodindo e abrindo as suas asas por cada canto desse país. Desde a Flip, em Paraty que, esse modelo deu frutos e não só. Eventos como feiras, seminários, encontros para se discutir essa arte e autores, lançar livros, e festejar de alguma forma as letras. Hoje teremos a Feira do Livro e do Cordel da Paraíba, a se realizar na Reitoria da UFPB. Encontro que tem painéis e mesas redondas sobre literatura feminina, autoria contemporânea, políticas públicas do livro e leitura, literatura no interior da PB, identidade paraibana, a mulher na literatura (violência e memória), rodas de conversas, oficinas, documentários e cinema. Com alegria vou participar do painel sobre autoria contemporânea, junto com a escritora Marineuma Oliveira, Magda Pinto, Lucy Leal e Lucielma Freitas. Já no dia 27/11, acontecerá o 2º Festival Literário Internacional da Paraíba (FliParaíba), evento do Governo do Estado e da Secretaria do Estado da Cultura, onde convidados do Brasil,

Guiné-Bissau, Portugal e Cabo Verde se encontrarão para compartilhar experiências a partir do tema central: “Nossa língua, nossa gente: ancestralidade, diversidade e o futuro da democracia”. Já no site da FliParaíba diz: “Cada palavra é um gesto de poder, um ato de coragem. A língua é lugar de disputa, mas também de libertação, onde se pode reescrever o mundo”. Também estarei numa mesa, junto com os escritores: Alberto Santos, Hildeberto Barbosa, e Sandra Raquew, cujo tema é: “O corpo político da língua – Quando a língua é fronteira e trincheira. A língua como lugar de poder, exclusão e reconstrução. Palavras como armas e pontes”. Em tempos em que um país amanheceu no último sábado com a notícia de uma tornozeleira arrombada com um ferro de solda; com a xenofobia do chanceler alemão, que se diz feliz por ter deixado “aquele lugar”, numa referência explícita a Belém, onde acontecia o maior evento do clima no mundo a COP30; e um menino brasileiro de 11 anos teve seus dedos decepados numa porta quando sofria bullying em Portugal, precisamos falar de muitas coisas. De democracia, da língua, de acolhimento, de diferenças e de humanidade. E do futuro. E

esse futuro nos assombra, seja pelo clima, não foi aprovado o “Mapa do Caminho” (proposta do Brasil para o fim da dependência dos combustíveis fósseis no mundo), e a gente fica assistindo de camarote as geleiras derreterem e como um tornado/metralhadora que, matou mais de cem pessoas no Complexo do Alemão e devastou um lugar de nome Bonito (PR). Futuro esse que, assombra também com a expansão da extrema direita no mundo, as ideias fascistas e nazistas, o terror que achávamos que estava enterrado lá na Segunda Guerra, mas que vimos nos horrores em Gaza que, a humanidade está longe de alcançar um mínimo de direitos humanos e de apaziguamento com a história. Enquanto isso, aqui na minha esquina, mas especificamente no Parque Parahyba 1, no último sábado aconteceu o Primeiro Encontro Mulheres na Roda Samba, com a minha amiga Flávia Santos no grupo, e homenageadas: Ivone Lara, Vó Mera e Nilze Carvalho. Dei uma voltinha por lá, para sen-

tir aquela plateia dançante e aquele som feminino de vozes que representam um sopro de alegria. Lá, pelo meio dos flamboyants originais e o grunhido das maritacas que, agora deram para me visitar. E, assim, vamos de literatura, cantorias e prisão que, faz com que acreditemos na Justiça, nos voos, nas cantigas e numa esperança verdinha, pequenina, em dias melhores. Sucesso aos eventos literários da semana. E é com alegria que irei com as letras na bolsa.

Sandra Raquew estará  
com a colunista em mesa  
no FliParaíba

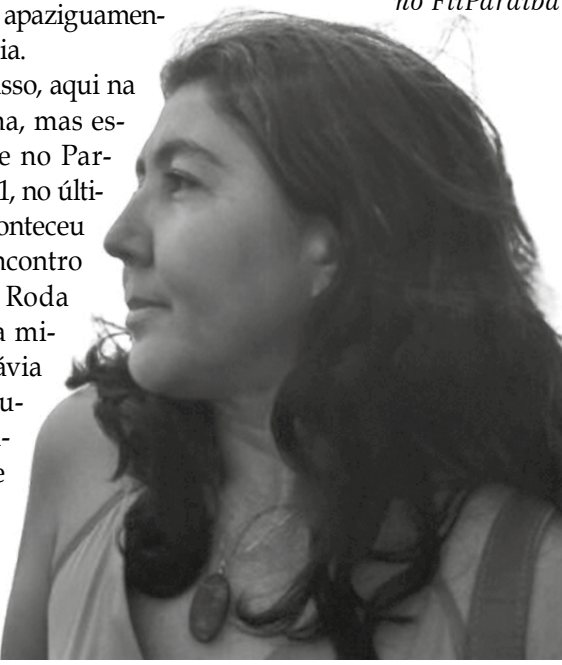


Foto: Arquivo pessoal

Fernando Vasconcelos  
Escritor - fer.mengo@uol.com.br

Os cartuns de Roniere

Recebi, com muita satisfação, um exemplar do livro *Uns Cartuns*, de Roniere Leite Soares, nosso confrade aqui no jornal **A União**. Trata-se de um interessante livro de desenhos feitos à mão livre, que compila 100 cartuns (78 horizontais e 22 verticais). O autor é pesquisador/autor ligado à área de Ciência e Engenharia de Materiais e, também, atua em contextos culturais na Paraíba, participando de blogs e textos para entrevistas. Natural de Campina Grande, Roniere atua intensamente na área cultural, possuindo um perfil multifacetado através da música, das artes plásticas e do cordel). Neste ano de 2025 Roniere lançou o livro *Uns Cartuns*, uma coletânea de 100 cartuns desenhados à mão livre, divididos entre 78 horizontais e 22 verticais. A obra explora o humor gráfico, a crítica social e o olhar artístico sobre o cotidiano nordestino, mantendo um traço autoral e reflexivo. O livro se insere no contexto de uma produção independente e artesanal, evidenciando o talento multifacetado do autor e sua capacidade de transitar entre texto, imagem e som.

Confesso que não sou um aficionado por cartuns, nem os degusto com frequência, porém não se pode esconder, nessa leitura, a dimensão artesanal do traço, que nos remete ao gesto manual e à espontaneidade do desenho. Dá para perceber o humor crítico e filosófico presente nas cenas, aproximando o leitor de reflexões sobre o homem, a sociedade e a cultura brasileira. Há uma coerência entre o conjunto da obra de Roniere, atravessando a poesia, a música e as artes visuais, buscando expressar um mesmo impulso criador enraizado na Paraíba. O professor Wagner Batista Braba, nas orelhas da obra, considera Roniere “um homem de mil aptidões e talentos, transitando com inegável conhecimento e destreza em vários campos de atividades”. E afirma que, graças à sua operosidade “assovia e chupa cana e dá ponto sem nó”. Na sua atividade docente, o autor dos cartuns mostra uma sensibilidade ímpar, principalmente nos grupos de pesquisa onde atua e atuou, sobressaindo-se como um humanista de primeira. Já no prefácio, o cartunista Fred Ozanam observa: “As críticas incluídas nos desenhos de Roniere são reflexos de um momento em que vivenciamos lá atrás”. Realmente, são fragmentos históricos com uma pequena parcela de ficção e que, mesmo sem intenção, nos proporciona inspiração para ler e criticar.

Podendo ser entendido como um “multiartista”, o autor é apresentado como “um agente econômico da Ancine e sócio colaborador do IHCG”, além de músico, compositor, desenhista, poeta, e autor de diversas obras literárias e musicais. Com formação em Letras, Música, Ciência e Engenharia de Materiais, Roniere integra o time que conduz o panorama cultural da Paraíba, atuando em múltiplas linguagens que cruzam arte, ciência e sensibilidade regional. Publicações: *Cartapácio Mnemônico de Instâncias Poéticas*, publicado em 2024 (livro de estreia que reúne poesias, cordéis, hinários, poesia visual; *120 Anos de Música de Banda - 2018, Os Trinta Poetas*, além da composição de várias partituras e composições musicais. Recomendamos esta obra para leitores interessados em humor gráfico, cultura nordestina e arte independente. Valerá a pena!



Capa do lançamento “Uns Cartuns”, de Roniere Leite

Colunista colaborador